

EVOLUÇÃO DA REPRESENTAÇÃO FOTOGRÁFICA DAS MULHERES NAS PRIMEIRAS PÁGINAS DA IMPRENSA ESPANHOLA (1977–1997): UMA ANÁLISE COMPARATIVA DO ABC E DO *EL PAÍS*

Ana María Zafra Arroyo

Departamento de Periodismo, Facultad de Ciencias de la Comunicación, Universidad de Málaga, Málaga, Espanha

RESUMO

O objetivo desta investigação é analisar a evolução da representação fotográfica das mulheres nas primeiras páginas dos jornais *ABC* e *El País*, com base numa amostra por conveniência de todas as edições de março entre 1977 e 1997. O método de investigação utilizado foi a análise de conteúdo visual (Neuendorf, 2017). As unidades de análise foram obtidas através dos arquivos digitais dos jornais, especificamente das secções de arquivo das primeiras páginas. Das 1.300 primeiras páginas examinadas, 242 fotografias incluíam mulheres. Para além da dimensão quantitativa, também foram considerados os aspetos interpretativos da representação visual. Esta abordagem dupla permite não só medir frequências, como compreender as implicações culturais e ideológicas das representações. A presença de mulheres nas primeiras páginas continua a ser minoritária em comparação com a dos homens, normalmente não ultrapassando 10–15%. Os resultados revelam que o *ABC* reforça os papéis tradicionais e a representação decorativa das mulheres, enquanto o *El País* destaca a sua presença política e laboral, embora com ênfase na vitimização. A análise evidencia como estas fotografias moldaram uma narrativa visual de género na imprensa, restringindo a visibilidade e o reconhecimento das mulheres nas esferas política e profissional. A extrapolação destes resultados para o presente mostra que os estereótipos visuais persistem, sendo reproduzidos não só em ambientes digitais, como também em imagens geradas por inteligência artificial.

PALAVRAS-CHAVE

estudos de género, análise de conteúdo visual, fotografias, primeiras páginas, transição espanhola

EVOLUTION OF THE PHOTOGRAPHIC REPRESENTATION OF WOMEN ON THE FRONT PAGES OF THE SPANISH PRESS (1977–1997): A COMPARATIVE ANALYSIS OF *ABC* AND *EL PAÍS*

ABSTRACT

The aim of this research is to analyse the evolution of the photographic representation of women on the front pages of the newspapers *ABC* and *El País*, based on a convenience sample of all March issues from 1977 to 1997. The research method used is visual content analysis (Neuendorf, 2017). The units of analysis were obtained from the digital newspaper archives of both newspapers, specifically the front-page archive sections. Of the 1,300 front pages examined, 242 photographs featured women. Beyond the quantitative dimension, the interpretative aspects of visual representation were also considered. This dual approach not only allows for measuring frequencies but also for understanding the cultural and ideological implications of the portrayals. The presence of women on the front pages remains a minority compared to that of men, usually not exceeding 10–15%. Results show that *ABC* reinforces traditional roles and the decorative representation of women, while *El País* highlights their political and labour presence, albeit with an

emphasis on victimisation. The analysis reveals how these photographs shaped a gendered visual narrative in the press, restricting women's visibility and recognition in political and professional spheres. Extending these findings to the present, visual stereotypes are shown to persist and to be reproduced not only in digital environments but also in artificial intelligence-generated imagery.

KEYWORDS

gender studies, visual content analysis, photographs, front covers, Spanish transition

1. INTRODUÇÃO

Em Espanha, durante a Segunda República (1931–1939), as ideias sufragistas e emancipatórias associadas ao feminismo concretizaram-se através de publicações editadas por mulheres, que se tornaram espaços de debate democratizador e de promoção da mobilização política. Este contexto permitiu “a participação das mulheres espanholas na ‘esfera pública’” (Ramos Palomo & Ortega Muñoz, 2020, p. 37). No entanto, este interlúdio de libertação terminou com o início da ditadura de Franco (1939–1975). A partir de 1939, o papel social das mulheres voltou a estar confinado à esfera privada, enquanto esposas, mães e cuidadoras, sem acesso pleno aos direitos civis reservados exclusivamente aos homens.

Neste sentido, López (2020) descreve o regime de Franco como um regresso à “virilização do Estado e da sociedade” (p. 170), em que os homens monopolizavam o controlo dos principais espaços de poder político e público. As mulheres foram privadas dos seus direitos civis; a mulher casada passava a ser considerada praticamente uma menor ou incapaz do ponto de vista jurídico, com a correspondente limitação de capacidade que estes detinham: “tal ficou consagrado no antigo artigo 1263 do Código Civil, relativo à disposição sobre a prestação de consentimento nos contratos, que equiparava a mulher casada a menores, dementes e surdos-mudos analfabetos” (Torralbo Ruiz, 2011, p. 11).

A transição democrática (1975–1978) marcou uma revitalização do movimento feminista, que havia permanecido invisível e reprimido durante décadas. A Constituição Espanhola de 1978 proibiu implicitamente a discriminação de género, mas a mobilização das mulheres e o debate sobre o lugar que queriam ocupar na nova ordem democrática começaram anos antes. Coincidindo com a morte do ditador, 1975 foi declarado Ano Internacional da Mulher pelas Nações Unidas, e realizaram-se em Espanha os primeiros Dias Nacionais de Liberação da Mulher. Posteriormente, eventos como as “Primeres Jornades Catalanes de la Dona” (Primeira Conferência Catalã de Mulheres; Barcelona, 1976) e as “II Jornadas Estatales de la Mujer” (II Jornadas Estatais da Mulher; Granada, 1979) abordaram questões relevantes para o movimento feminista da transição (Pérez Fernández, 2016).

Entre os debates mais controversos esteve a relação que o feminismo deveria ter com os partidos políticos. Enquanto um setor defendia a necessidade de uma aliança estratégica para assegurar a inclusão das reivindicações feministas na agenda política, outro setor mostrava-se claramente cético quanto ao genuíno interesse dos partidos, compostos maioritariamente por homens. Este desacordo levou algumas ativistas a criar as

susas próprias organizações, como o Coletivo Feminista de Madrid, promovido por Cristina Alberdi, ou o Partido Feminista, fundado por Lidia Falcón (Fernández Fraile, 2008).

Com a abolição gradual das leis que sustentavam a desigualdade de género, emergiu um novo quadro jurídico e político que promovia a maior participação das mulheres na esfera pública. A inclusão das mulheres no mercado de trabalho remunerado, a assunção de funções de responsabilidade em instituições e organizações e o aumento das taxas de inscrição universitária foram fatores cruciais para o avanço da igualdade de género nas décadas de 1980 e 1990 (García, 2022; Huber et al., 2009).

O objetivo desta investigação é analisar a evolução da representação fotográfica das mulheres nas primeiras páginas dos jornais durante e após a transição. Apesar de terem sido documentadas diferenças significativas no tratamento mediático por género (Matud et al., 2012; Van der Pas & Aaldering, 2020), as análises de material gráfico têm sido mais frequentes em géneros não noticiosos (Hernández Herrera, 2019). Assim, o presente estudo adota uma abordagem inovadora, selecionando um período longitudinal de 20 anos (1977–1997) para investigar a presença das mulheres e os papéis atribuídos às mesmas nas primeiras páginas dos jornais nacionais.

A investigação inclui as primeiras páginas do *ABC* e do *El País*, dois dos principais jornais diários nacionais de Espanha, para evitar vieses decorrentes de linhas editoriais específicas. O *ABC*, fundado em 1903, é tradicionalmente conservador e monárquico, enquanto o *El País*, criado em 1976, durante a transição democrática, é considerado progressista e de centro-esquerda. Ambos são distribuídos nacionalmente e dirigem-se a um público amplo. Foi realizada uma análise quantitativa, utilizando um manual de codificação concebido para classificar os papéis femininos de acordo com categorias baseadas na literatura existente. A amostra intencional abrange cada mês de março, por ocasião do Dia Internacional da Mulher, de modo a comparar se a cobertura dos jornais sobre as mulheres aumenta nesta altura significativa. Esta análise segue a tradição de trabalhos anteriores (Aznar et al., 2017; Fernández García, 2016; Gómez y Patiño, 2011) que estudaram a representação das mulheres nos media, mas amplia a perspetiva ao incorporar uma análise sistemática das fotografias nas capas dos jornais, contribuindo para a documentação da evolução dos estereótipos de género no discurso mediático espanhol.

2. ENQUADRAMENTO TEÓRICO

Vários autores que abordaram o tratamento jornalístico das mulheres nos media justificam as suas pesquisas considerando os media como “um indicador chave do progresso na direção da igualdade de género e da concretização dos direitos humanos das mulheres” (Gallagher, 2015, pp. 1–2), “instrumentos poderosos de mudança social” (Gallego-Ayala, 2015, p. 19) e “testemunhas da realidade social” (Gómez y Patiño, 2011, p. 120). A análise dos discursos visuais e textuais é fundamental para uma compreensão completa do poder mediático. Os media não só reconstruem a realidade, mas também a influenciam, desempenhando um papel central na formação da opinião pública e na legitimação de interpretações específicas da realidade política e social (Schiller, 1976;

Smythe, 1977). Segundo Schiller (1976), os média são ferramentas ao serviço das elites económicas e políticas, que utilizam o controlo mediático para manter a ordem estabelecida e as desigualdades sociais existentes.

Durante a transição em Espanha, a imprensa desempenhou um papel crucial devido ao apoio generalizado à restauração da democracia e das suas instituições (Gaitán Moya, 1992). Neste contexto, temas como a monarquia, a unidade de Espanha e o exército foram tratados com particular cuidado, para evitar desordem num momento político e social convulso (Montero et al., 2008). Faz-se uma distinção entre os jornais da época, classificados como “antigos”, como o *ABC* ou o *La Vanguardia*, e “novos”, como o *El País* ou o *Diario 16* (Montero et al., 2008). Os primeiros, herdeiros da imprensa conservadora do Movimento, não se opunham à democracia, mas não a apoiavam ativamente. Os segundos defendiam a liberdade e os direitos civis (Orduña Prada, 2019). Destaca-se o caso do *El País* que, pouco depois da sua fundação, se tornou o jornal mais lido em Espanha, atingindo padrões jornalísticos comparáveis aos dos principais jornais europeus.

No entanto, os avanços na representação e liberdade das mulheres nem sempre tiveram consequências positivas. Alguns média, aproveitando o novo contexto social, recorreram à objetificação e sexualização do corpo feminino como estratégia para aumentar as vendas (Goldman et al., 1991). Um exemplo paradigmático foram as chamadas “publicações híbridas”, que combinavam cobertura noticiosa política com conteúdos sensacionalistas ou de cariz sexual. Entre estas, o *Interviú*, fundado em 1977, atingiu uma tiragem de 3 milhões de exemplares semanalmente em 1979, ao apresentar entrevistas políticas com imagens provocadoras de mulheres nuas (Gunther et al., 1999).

Os estudos realizados com uma perspetiva de género nos média espanhóis concentraram-se, até ao momento, em dois aspetos distintos. Por um lado, a escassa presença, na imprensa, de mulheres em cargos de decisão na imprensa (De-Miguel et al., 2017; Suárez-Romero & Ortega-Pérez, 2019) e, por outro, a representação das mulheres nos conteúdos noticiosos propriamente ditos (Aznar et al., 2017; Gómez-Escaloniella Moreno et al., 2008). Fagoaga de Bartolomé e Secanella (1984), numa análise do *El País*, *ABC*, *La Vanguardia*, *Diario 16* e *El Periódico*, concluíram que as baixas percentagens de menções a mulheres na imprensa se deviam principalmente à sua ausência na agenda de acontecimentos previsíveis, em papéis de porta-voz ou como fontes tradicionais de notícias. Esta situação não mudou significativamente nos contextos contemporâneos, como observa Prieto-Sánchez (2018), salientando que o fotojornalismo e a cobertura mediática continuam a favorecer esquemas dominados por vozes masculinas, relegando as opiniões e experiências das mulheres para segundo plano.

Neste enquadramento, são necessários estudos longitudinais que analisem a representação fotográfica das mulheres nas capas principais dos jornais nacionais por várias razões: (a) as capas refletem normalmente os assuntos de maior interesse; uma presença reduzida de mulheres em comparação com os homens poderá ser indicativa de discriminação; (b) uma análise continuada ao longo do tempo permite identificar se as mulheres adquiriram maior relevância política, económica e social com o avanço da democracia; e (c) a fotografia jornalística constitui um campo pouco estudado em Espanha, apesar da

sua capacidade para refletir aspectos como vestuário, postura, expressão facial, enquadramento ou contexto, que não são normalmente percetíveis em análises textuais. Kress e van Leeuwen (2006), através do seu modelo multimodal, propõem uma abordagem analítica que procura superar as barreiras tradicionais entre as disciplinas que estudam a linguagem e a imagem separadamente. Na sua perspetiva, ambas as modalidades não só coexistem, como também interagem e influenciam-se mutuamente na construção do significado.

No campo da fotografia, os autores identificam três aspectos fundamentais para análise: (a) valor informativo, determinado pelo posicionamento dos elementos na composição. São atribuídos significados informativos específicos às diferentes “zonas” da imagem: esquerda e direita, topo e fundo, bem como centro e margem; (b) visibilidade, associada a fatores como a colocação dos elementos em primeiro ou segundo plano, o seu tamanho relativo, contrastes tonais ou de cor, variações de nitidez, entre outros; e (c) enquadramento, identificado por linhas de enquadramento reais ou pela presença de elementos visuais que atuam como divisores. Estas linhas podem ligar ou separar componentes na imagem, indicando se pertencem ao mesmo espaço semântico (Kress & van Leeuwen, 2006).

Neste sentido, a fotografia jornalística é um poderoso meio de influência, porque molda as percepções dos leitores de forma menos óbvia do que os textos. Soria Ibáñez e María del Mar (2016) analisaram o tratamento das mulheres na imprensa espanhola e concluíram que:

a maioria das fotografias em que surgiam mulheres tinha um enfoque sexual (...). Tendo em conta que se trata das versões digitais dos dois jornais mais lidos em Espanha, também merece reflexão a prática de colocar mulheres seminuas nas capas como forma de publicidade. (p. 162)

Quando os partidos foram legalizados, nas eleições de junho de 1977, a percentagem de mulheres no Senado era de 2,4%. E em todas as eleições entre 1979 e 1989, a percentagem no Congresso foi de 6%. Em 1987, o Partido Socialista Operário Espanhol (Partido Socialista Obrero Español, PSOE) propôs uma quota mínima de 25% para mulheres. Isto aumentou o número de mulheres na organização do partido regionalmente e nos comités executivos regionais de 8% para 22,4%, um sistema igualmente aplicado por outros partidos como o Partido Popular (PP) e a Esquerda Unida (Izquierda Unida). Nas eleições gerais de 1989, o número de candidatas ao Congresso dos Deputados subiu de 21% em 1986 para 30,5%, e para o Senado de 15% para 23,9% (Fernández Fraile, 2008).

Poder-se-ia pensar que mais mulheres na política levariam a uma maior cobertura mediática. No entanto, um estudo comparando a cobertura mediática de membros do Governo em 1996, 2004 e 2011 concluiu que, embora o número de mulheres no Governo tenha aumentado em 2004, atingindo pela primeira vez uma administração equilibrada em termos de género, a cobertura das ministras permaneceu inferior à dos ministros (Fernández García, 2016).

Nos últimos anos, os estudos de género dedicados à imagem das mulheres nos media têm-se deslocado para o espaço digital, com investigadores a examinar como

as mulheres são retratadas online e as consequências dessa representação (Amores et al., 2020; García Orosa & Gallur Santorum, 2019; Jia et al., 2016; Taha & Fahmy, 2023). No seu relatório sobre a representação de género nos principais meios digitais espanhóis, Soto et al. (2004) analisaram mais de 26.000 menções de género nos jornais online espanhóis e verificaram que, quando eram usados nomes próprios, nove em cada 10 referências correspondiam a homens. Amores et al. (2020) analisaram 500 fotografias de mulheres refugiadas em jornais digitais europeus, incluindo *El País* e *El Mundo*. Concluíram que as mulheres estavam sub-representadas e eram sobretudo associadas a símbolos religiosos e ao papel de vítimas, enquanto os homens apareciam maioritariamente em contextos de responsabilidade ou ameaça.

García Orosa e Gallur Santorum (2019) estudaram a presença de estereótipos de género como valores noticiosos em artigos da imprensa digital europeia publicados entre 2013 e 2014 no *The Times*, *El País*, *Le Monde*, *Jornal de Notícias* e *Corriere della Sera*. Segundo a sua investigação, na produção e no discurso informativo, é dada prioridade às mulheres em situações desfavoráveis, reforçando papéis e estereótipos femininos tradicionais. Do mesmo modo, Fernández García (2015) verificou que estas diferenças se estendem para além da orientação ideológica dos média: tanto jornais liberais como conservadores apresentam enviesamentos na cobertura de mulheres políticas. Tais constatações evidenciam que a representação de género na imprensa é influenciada não só pela ideologia política, mas também por fatores estruturais e culturais, justificando a necessidade de uma abordagem metodológica atenta tanto aos padrões quantitativos como às dimensões interpretativas.

3. METODOLOGIA

O objetivo deste artigo é realizar uma análise longitudinal das imagens nas capas do *El País* e do *ABC*, documentando o progresso na representação das mulheres nestes jornais em paralelo com o avanço da democracia em Espanha. A escolha da primeira página como objeto de estudo justifica-se pela sua função como “a montra onde um jornal exibe o seu mecanismo de informação e permite apresentar os acontecimentos mais importantes de forma rápida e direta” (Argiñano & Goikoetxea Bilbao, 2020, p. 3).

A amostra abrange o período de 1 de março de 1977, correspondente à primeira edição do *El País* publicada nesse mês, até 31 de março de 1997, período posterior à introdução de quotas para a presença de mulheres em instituições governamentais, refletidas nas alterações observadas após as vitórias do PSOE em 1993 e do PP em 1996. A escolha de março justifica-se pela celebração do Dia Internacional da Mulher, permitindo analisar se ocorre um aumento na cobertura jornalística por ocasião do dia 8 de março. Segundo Gómez y Patiño (2011):

o próprio dia, a sua celebração e o espaço que ocupa nos média podem constituir um elemento na agenda jornalística, com a obrigação profissional de cobrir a celebração, atribuindo-lhe conteúdo próprio ou relembrando o que ocorreu nesse dia em anos anteriores. (p. 120)

O método de investigação selecionado foi a análise de conteúdo visual (Neuendorf, 2017), que “é uma técnica de investigação concebida para formular, a partir de dados específicos, inferências reproduzíveis e válidas que podem ser aplicadas ao seu contexto” (Krippendorff, 1980/1990, p. 28). Este método “pode ser aplicado a textos escritos, discursos transcritos, interações verbais, imagens visuais, caracterizações, comportamentos não verbais, eventos sonoros ou qualquer outro tipo de mensagem” (Neuendorf, 2017, p. 24). Neste sentido, a análise de conteúdo visual utiliza-se em diversos estudos para examinar como diferentes grupos sociais são representados em imagens noticiosas (Bell, 2001; Castillo, 2014; Hernández Herrera, 2019; Zafra-Arroyo & Öksüz, 2025). Para além da dimensão quantitativa de contagem e categorização de ocorrências, a análise considera também os aspectos interpretativos da representação visual, como os papéis simbólicos atribuídos às mulheres, o enquadramento emocional ou hierárquico da sua presença e os significados implícitos transmitidos pelo contexto. Esta abordagem dupla permite não só medir frequências, mas também compreender as implicações culturais e ideológicas das representações.

O *corpus* inclui todas as capas publicadas em março de cada ano entre 1977 e 1997, totalizando aproximadamente 651 edições por jornal (cerca de 1.302 no total). Um número reduzido de edições, sobretudo dos primeiros anos, não se encontrava disponível, representando uma minoria que não compromete os resultados globais. Nestes números, um total de 242 fotografias retratava mulheres (126 no *ABC* e 116 no *El País*). As unidades de análise foram obtidas a partir dos arquivos digitais dos jornais, nas secções de “arquivo de primeira página”. A elaboração do manual de codificação fundamentou-se em pesquisas anteriores sobre questões de género (Gómez y Patiño, 2011; Hernández Herrera, 2019; Larrondo Ureta, 2019; Leyton et al., 2024), além de um pré-teste desenvolvido pelo autor antes da análise dos dados.

Foram estabelecidas as seguintes categorias para determinar o papel das mulheres nas imagens ou notícias: (a) artista/celebridade (profissões relacionadas com cinema, dança, teatro ou rostos reconhecíveis dos jornais sensacionalistas do momento); (b) vítima; (c) esposa/companheira; (d) rainha; (e) trabalhadora; (f) modelo (representação da mulher como objeto de beleza, embora sem qualquer interesse informativo ou função especial na imagem); (g) mãe; (h) política/ativista/sindicalista (movimentos sociais, políticos, de protesto ou de direitos, bem como representação formal nas instituições); (i) turista; (j) atleta.

Posteriormente, durante a análise, foi adicionada a categoria “outros” para classificar imagens que não se enquadravam em nenhuma das categorias predefinidas. Foi também criada a categoria “secundária”, reunindo imagens onde as mulheres surgem em planos distantes, de costas ou em posições marginais. Meninas menores de idade não foram incluídas na contagem.

4. ANÁLISE E RESULTADOS

4.1. ANÁLISE COMPARATIVA DA FREQUÊNCIA POR DÉCADA

A Figura 1 apresenta a frequência com que as mulheres apareceram em diferentes categorias nas capas de ambos os jornais entre 1977 e 1987.

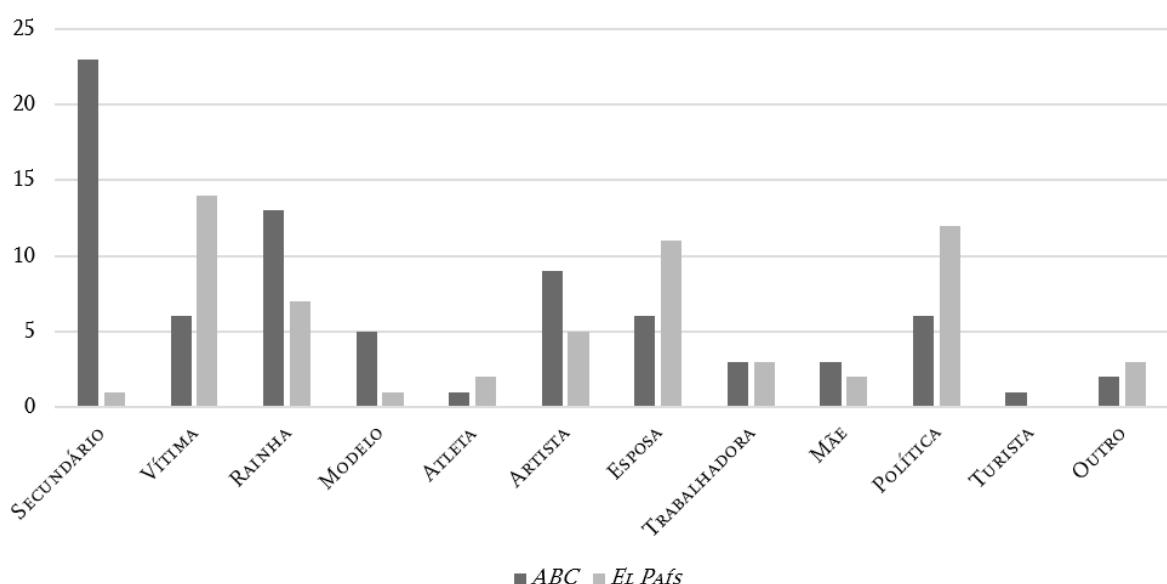


Figura 1. Representação dos papéis das mulheres por categoria no ABC e no El País (1977–1987)

No ABC, destaca-se o elevado número de aparições de mulheres em papéis secundários. Conforme explicado na metodologia, estas correspondem a “planos distantes, de costas ou em posições marginais”. A categoria seguinte mais comum é a de “rainha”, o que se comprehende num jornal pró-monarquia. Isto reflete o contexto de transição política, no qual o ABC atribui à Rainha de Espanha um papel proeminente, reforçando a sua imagem ao destacá-la em várias primeiras páginas. As categorias “vítrima”, “esposa”, “artista” e “política” apresentam-se com importância quantitativa relativamente semelhante, enquanto as restantes atingem raramente cinco ocorrências ao longo do período analisado.

A apresentação de fotografias pelo *El País* inclui menos imagens com mulheres, embora a sua presença em papéis secundários seja praticamente eliminada. A categoria “política” surge com particular frequência, sugerindo um esforço maior em refletir a presença das mulheres em esferas emergentes durante a transição espanhola. Contudo, esta categoria é seguida de perto pela de “esposa” e ligeiramente ultrapassada pela categoria “vítrima”, que posiciona as mulheres em papéis vulneráveis e de cuidado. “Rainha” aparece em seis ocasiões, mas nunca com a mesma frequência que no ABC.

A Figura 2 apresenta a representação dos papéis das mulheres nas capas do ABC e do *El País* entre 1988 e 1997.

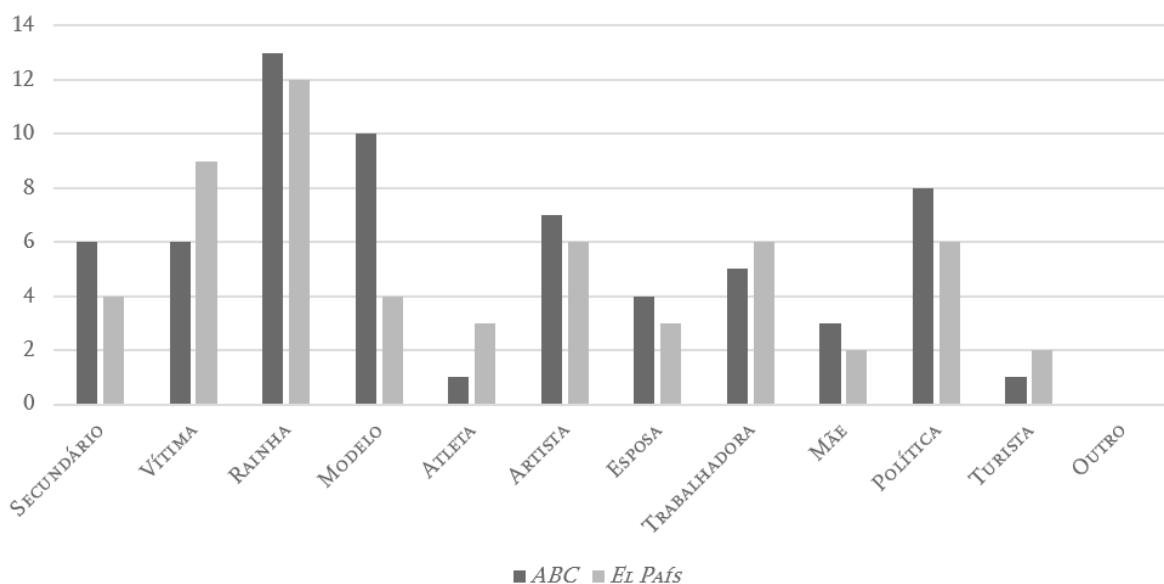


Figura 2. Representação dos papéis das mulheres por categoria no ABC e no El País (1988–1997)

No ABC, as mulheres em papéis secundários tornam-se menos comuns, e a categoria “rainha” surge com maior frequência. Curiosamente, a figura da “modelo” surge logo a seguir. Esta categoria objetifica as mulheres, uma vez que não acrescenta nenhum interesse informativo à capa do jornal. Papéis tradicionais, como “esposa” ou “mãe”, encontram-se sub-representados, enquanto papéis associados a comportamentos mais modernos, como “política” ou “artista”, aparecem com maior frequência do que aqueles ligados a categorias mais tradicionais, como “vítima”. O *El País* apresenta igualmente uma ampla gama de representações, sendo “rainha” a categoria mais proeminente, seguida de “vítima”. As categorias “artista”, “trabalhadora” e “política” apresentam frequências muito semelhantes, enquanto as restantes se situam em níveis inferiores.

4.2. ANÁLISE INTERPRETATIVA DAS PRINCIPAIS CATEGORIAS

4.2.1. RAINHA

O ABC, uma publicação monárquica, publicou 26 imagens da Rainha Sofía de Espanha entre 1977 e 1997 (ver Figura 3, Figura 4 e Figura 5). Outros membros da realeza também surgem, incluindo a Rainha da Suécia e a Imperatriz Farah Pahlavi. A protagonista da maioria das imagens desta categoria é a Rainha Sofía, que geralmente aparece ao lado do então Rei Juan Carlos de Borbón em eventos diplomáticos, viagens internacionais e contextos familiares. Esta categoria está intimamente ligada à de “companheira” ou “esposa”, uma vez que a Rainha Sofía raramente surge sozinha. Quando o faz, é fotografada a sorrir, acenar e a mostrar elegância. A presença de mulheres associadas à monarquia simboliza continuidade, tradição e legitimidade histórica. No entanto, esta visibilidade encontra-se limitada por um enquadramento institucional e conservador que enfatiza os papéis ornamentais e ceremoniais das mulheres.



Figura 3. ABC, 5 de março de 1977: A Rainha Sofia participa num ato religioso com o Rei Juan Carlos e as suas filhas

Créditos. ABC, 1977



Figura 4. ABC, 23 de março de 1983: A Rainha Sofia saúda a Rainha Silvia da Suécia durante a sua visita oficial a Madrid

Créditos. ABC, 1983



Figura 5. ABC, 30 de março de 1995: O Rei Juan Carlos e Rainha Sofia recebem o Presidente da China

Créditos. ABC, 1995

4.2.2. VÍTIMAS

Esta categoria está presente ao longo de todo o estudo. Em particular, o *El País* apresenta frequentemente imagens de mulheres afetadas por ataques, acidentes, conflitos militares, desastres naturais e violência geral (ver Figura 6, Figura 7 e Figura 8). Estas representações associam-se a uma imagem de sofrimento e luto, como se observa em fotografias de mulheres a chorar a morte de filhos, maridos ou parceiros, e de vítimas de atentados terroristas, incêndios, violência policial e acidentes de viação, bem como de refugiadas em contextos de guerra nos Balcãs, Palestina e Iraque. Incluem-se também mulheres que sobreviveram a sequestros ou violência. Estas representações enfatizam a vulnerabilidade feminina, retratando frequentemente as mulheres como desamparadas ou a ser ajudadas por homens. Esta abordagem confere visibilidade com base na sua vulnerabilidade, perpetuando a associação entre feminilidade e fragilidade.



Figura 6. ABC, 22 de março de 1984: duas jovens retratadas como vítimas de toxicodependência

Créditos. ABC, 1984



Figura 7. El País, 26 de março de 1988: duas mulheres de luto junto aos destroços de um acidente de autocarro que causou 15 mortos

Créditos. El País, 1988



Figura 8. El País, 30 de março de 1993: mulheres e crianças muçulmanas apresentadas como refugiadas da guerra de Srebrenica

Créditos. El País, 1993

4.2.3. ESPOSAS OU COMPANHEIRAS

Esta categoria apresenta mulheres no papel de esposas ou companheiras de figuras de poder, como diplomatas ou políticos, em eventos oficiais (ver Figura 9, Figura 10 e Figura 11). Esta representação é muito comum, especialmente no *El País*, onde as mulheres são retratadas através das suas ligações a figuras masculinas. Exemplos proeminentes incluem a esposa do Presidente Carter, a esposa de John F. Kennedy, Nancy Reagan (esposa de Ronald Reagan), a esposa de Gorbachev e a esposa de Felipe González, entre outras. As figuras femininas surgem, por vezes, sem identificação específica, como no caso de uma mulher que apresenta a candidatura de Tierno Galván. A representação destas mulheres é, por vezes, enquadrada em situações emocionais e vulneráveis, como no caso da artista e ativista Yoko Ono, fotografada a chorar num tributo ao seu marido falecido, John Lennon. Nestes registo, as mulheres são representadas como extensões ou complementos dos protagonistas masculinos, sem qualquer autonomia discursiva ou informativa. Este enquadramento visual perpetua ideias de dependência e subordinação, retratando a sua relevância como derivada exclusivamente da ligação à figura masculina. Consequentemente, reforça-se a noção de que a visibilidade pública das mulheres depende das suas relações com os homens, limitando a sua imagem como indivíduos autónomos.



Figura 9. *El País*, 27 de março de 1980: Jacqueline Kennedy acompanha o Senador Edward Kennedy durante a sua campanha política

Créditos. *El País*, 1980



Figura 10. *ABC*, 21 de março de 1982: o Papa João Paulo II encontra-se com responsáveis espanhóis, acompanhado por Pilar Ibañez, esposa do Primeiro-Ministro Calvo Sotelo

Créditos. *ABC*, 1982



Figura 11. *El País*, 29 de março de 1988: Carmen Romero aparece com Felipe González num contexto internacional

Créditos. *El País*, 1988

4.2.4. MODELO

Ao contrário da categoria “artista”, as mulheres não desempenham um papel relevante ou informativo na categoria “modelo”. Trata-se simplesmente de imagens de mulheres jovens e atraentes utilizadas para transmitir mensagens alheias ao conteúdo das fotografias (ver Figura 12, Figura 13 e Figura 14). Exemplos incluem uma fotografia de três mulheres a comer gelados, outra de mulheres a comprar o jornal *ABC*, e uma em que uma mulher é apontada com uma bomba de combustível, aludindo aos altos preços da gasolina. Esta categoria é mais frequente no jornal *ABC*. Estas imagens assemelham-se mais a anúncios publicitários do que a capas de jornais e reforçam a objetificação das mulheres. Ser representada como modelo constitui uma forma de objetificação, reduzindo a mulher a um objeto estético ou sexualizado, cuja função principal é adornar a capa. Este tipo de enquadramento instrumentaliza as mulheres, usando-as como atrativo comercial para um público predominantemente masculino.



Figura 12. ABC, 2 de março de 1993: mulher numa bomba de gasolina, apresentada numa pose estilizada e submissa

Créditos. ABC, 1993



Figura 13. ABC, 13 de março de 1983: grupo de mulheres jovens fotografadas a caminhar e a fumar

Créditos. ABC, 1983



Figura 14. ABC, 14 de março de 1986: mulheres jovens a sorrir e a ler jornais num quiosque

Créditos. ABC, 1986

4.2.5. ARTISTA

A maioria das mulheres que surgem sem acompanhamento masculino enquadrar-se nas categorias de “artista” e “modelo”. Esta categoria é mais prevalente em *El País*, onde as mulheres das esferas artísticas e do estrelato são retratadas com maior autonomia (ver Figura 15, Figura 16 e Figura 17). A maioria destas mulheres é atriz de cinema, entre as quais Lauren Bacall, Melina Mercouri, Jessica Lange e Juliette Binoche, fotografadas em cerimónias de entrega de prémios. Contudo, à semelhança do ABC, a artista Lola Flores ganha destaque na capa, não pela sua arte, mas por um delito fiscal. A sua imagem surge três vezes em ligação com os respetivos processos jurídicos, incluindo em tribunal. A ausência de cobertura da sua carreira artística revela uma tendência para conferir maior visibilidade às mulheres em contextos controversos do que para reconhecer o seu talento. A participação das mulheres na esfera cultural é reconhecida através da representação como artistas, atrizes ou cantoras. No entanto, esse reconhecimento é frequentemente mediado por estereótipos de sofisticação ou por narrativas sensacionistas, em vez de valorizar a sua produção intelectual ou criativa. Consequentemente, o reconhecimento torna-se limitado no seu significado mais profundo. Nos últimos anos, os estudos de género centrados na imagem das mulheres nos media deslocaram-se para o espaço digital, com investigadores a examinar como as mulheres são retratadas online e as consequências dessa representação. Por um lado, tem-se observado uma tendência crescente entre plataformas de vídeo em streaming, como a Netflix e a HBO, para oferecer conteúdos inclusivos e feministas que apresentam personagens femininas fortes e narrativas centradas nas suas experiências.

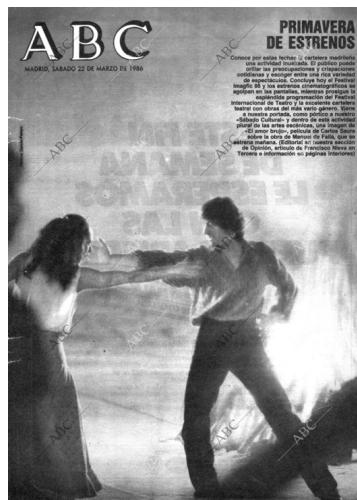


Figura 15. ABC, 22 de março de 1986: atriz a atuar em palco com o seu parceiro

Créditos. ABC, 1986

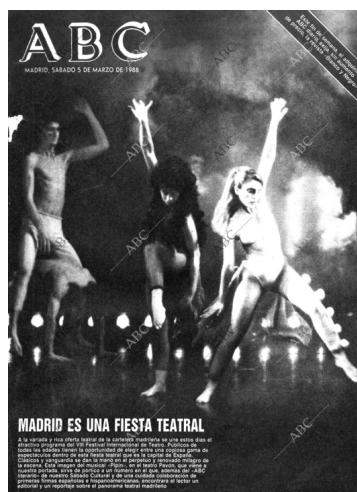


Figura 16. ABC, 5 de março de 1988: bailarinos em poses teatrais

Créditos. ABC, 1988



Figura 17. ABC, 22 de março de 1994: fotografia de grupo de atores e atrizes, destacando Penélope Cruz e Miriam Díaz Aroca entre colegas do sexo masculino

Créditos. ABC, 1994

4.2.6. POLÍTICA

Desde a década de 1990, a representação das mulheres na política aumentou no ABC. Embora as primeiras ocorrências na análise digam respeito a líderes internacionais, como Margaret Thatcher e Indira Gandhi, as mulheres que ocupam cargos institucionais tendem a surgir em papéis secundários ou com uma presença marcadamente marginal em equipas governamentais dominadas por homens. Por exemplo, na reunião do gabinete de Felipe González de 12 de março de 1991, Matilde Fernández (Assuntos Sociais) e Rosa Conde (porta-voz do Governo) aparecem nas extremidades da composição fotográfica. Da mesma forma, na capa de 19 de março de 1992, uma deputada surge em segundo plano, acompanhada por cinco homens. A 10 de março de 1993, a Ministra Matilde Fernández aparece numa pequena imagem lateral sob a manchete “faz campanha a favor da pílula abortiva”. No Conselho de Ministros do PSOE de 9 de março de 1996, é possível identificar duas mulheres entre mais de uma dezena de homens, e a 25 de março do mesmo ano, uma ministra surge ao lado de seis homens à saída do Palácio da Moncloa. Esta categoria inclui também mulheres envolvidas em ativismo político ou sindical, como na greve dos Altos Hornos de Sagunto, em 6 de março de 1984. No entanto, no ABC, a presença de mulheres à frente de protestos era limitada e concentrava-se sobretudo em manifestações contra o terrorismo da ETA ou contra a lei do aborto aprovada na época.

No que respeita à representação das mulheres na política, o *El País* revela uma presença significativamente maior de mulheres no ativismo político e sindical, bem como uma participação mais visível na esfera pública. Em 31 imagens, e desde o final da década de 1970, o jornal documenta mulheres acorrentadas em defesa dos direitos laborais (1979) e a participar em manifestações contra o véu árabe em Madrid. A cobertura do jornal inclui igualmente figuras políticas internacionais, como Margaret Thatcher, Primeira-Ministra do Reino Unido. Também são documentadas mobilizações feministas, incluindo a manifestação de 8 de março de 1980, destacada na primeira página do jornal no dia seguinte, e os protestos a favor do direito ao aborto em 1982.

Há ainda registos de greves de trabalhadoras hospitalares e de protestos contra o aumento do imposto sobre o rendimento, protagonizados maioritariamente por mulheres. Durante as décadas de 1980 e 1990, a imprensa continuou a refletir a participação das mulheres na política e na mobilização social (ver Figura 18, Figura 19 e Figura 20). Exemplos disso são os protestos em defesa do sistema público de saúde (1987). No plano institucional, é documentada a presença de mulheres ministras no Governo de Felipe González. Destaca-se o caso de Carmen Romero, não só como esposa do Primeiro-Ministro, mas também como deputada ativa e sindicalista. Além disso, também são representadas deputadas do PP no Congresso. A cobertura mediática regista ainda a resistência de mulheres em protestos ambientais em Doñana, mobilizações contra despedimentos na Santana e a participação de estudantes ativistas francesas em confrontos com a repressão policial. No plano internacional, sobressaem as imagens de mulheres em protestos nos Balcãs, na Sérvia e na Rússia, incluindo apoiantes de Boris Yeltsin e manifestantes diante do Kremlin.



Figura 18. El País, 19 de março de 1990: mulheres retratadas em protestos ambientais

Créditos. El País, 1990



Figura 19. El País, 9 de março de 1980: mulheres a participar na manifestação do Dia Internacional da Mulher

Créditos. El País, 1980



Figura 20. El País, 1 de março de 1980: mulheres a liderar protestos pela autonomia regional na Andaluzia

Créditos. El País, 1980

4.2.7. TRABALHADORA

Na primeira década, este tipo de imagens é raro, mas torna-se cada vez mais comum entre 1988 e 1997. Esta categoria reflete a visibilidade das mulheres nas esferas produtiva e profissional, bem como o reconhecimento da sua participação na vida económica e social (ver Figura 21, Figura 22 e Figura 23). No *El País*, esta categoria ocorre com maior frequência, embora as mulheres surjam sobretudo em situações fortuitas ou anedóticas — como ganhar a lotaria ou enfrentar circunstâncias administrativas específicas —, em vez de serem retratadas pelo seu desempenho profissional. Entre os exemplos encontram-se uma locutora de rádio, um grupo de trabalhadoras que ganhou um prémio de lotaria e a primeira mulher em Espanha a aspirar a trabalhar na aviação civil. Apesar disso, o jornal demonstra um claro interesse pelo progresso das mulheres em profissões tradicionalmente masculinas. Neste sentido, a categoria “trabalhadora” inclui uma fotografia de primeira página de 3 de março de 1988 que mostra várias agentes policiais especializadas em casos de violência de género, ilustrando o reconhecimento deste tipo de avanço. Outras imagens incluem uma de 1990 que mostra a presidente de uma mesa eleitoral a alertar um cidadão muçulmano de que não pode votar com o cartão de identificação da sua esposa, e outra em que uma juíza sai da sala de audiências após um julgamento controverso.



Figura 21. *El País*, 2 de março de 1988: agentes policiais femininas especializadas lidam com casos de violência de género

Créditos. *El País*, 1988



Figura 22. El País, 26 de março de 1990: presidente de uma mesa eleitoral explica as regras de votação a um cidadão

Créditos. El País, 1990



Figura 23. ABC, 21 de março de 1981: jornalista feminina trabalha com colegas durante uma entrevista

Créditos. ABC, 1981

5. CONCLUSÕES E DISCUSSÃO

Como mencionado na introdução, era de esperar diferenças na cobertura entre os dois jornais, dado o seu distinto enquadramento editorial. O ABC atribui maior importância à monarquia e aos papéis tradicionais das mulheres, tende a retratar as mulheres como figuras decorativas (“modelos”) e apresenta uma presença muito inferior de mulheres na esfera política em comparação com o *El País*. Por outro lado, este último, mais progressista, oferece uma maior variedade de representações, uma cobertura mais ampla de mulheres na política e no ativismo, bem como uma categoria de “trabalhadora” que evidencia os avanços feministas da época. No entanto, o *El País* caracteriza-se pelo predomínio do papel de “vítima”, criando uma imagem de vulnerabilidade e dependência face às figuras masculinas.

Estas categorias não se limitam a distinções quantitativas; possuem também significados visuais relevantes. Por exemplo, representar mulheres como “rainhas” ou “esposas” reforça associações simbólicas com a família, a tradição e a dependência. Além disso, a categoria de “modelo” reduz as mulheres aos seus corpos, enfatizando a beleza e a ornamentação. Por outro lado, as categorias de “trabalhadora” e “política” indicam acesso a áreas de influência e relevância pública, embora estes grupos constituam uma minoria. Apesar dos avanços democráticos documentados neste estudo, a presença de mulheres nas capas continua a ser minoritária relativamente aos homens, muitas vezes não ultrapassando 10–15% das ocorrências durante vários anos. Estes resultados confirmam os de Fernández García (2016), que concluiu que a maior inclusão de mulheres na vida política não foi acompanhada por uma cobertura mediática proporcional.

A escassez de imagens de mulheres em contextos profissionais e a ausência em contextos científicos levam à reflexão sobre se os média das décadas de 1970, 1980 e 1990 fizeram o suficiente para representar as mulheres como agentes de mudança. A investigação demonstra que muitos estereótipos de género são interiorizados pelas próprias mulheres através da exposição mediática, afetando a sua autoimagem e ambições (Santoniccolo et al., 2023). Tal como outros estudos, este conclui que os média convencionais são frequentemente dominados por interpretações tradicionais de género que promovem o sexismo de forma natural na cobertura jornalística, tornando as mulheres menos visíveis e marginalizando as suas questões (Bachmann, 2022).

Relacionando os resultados desta análise histórica com o presente, observam-se tanto continuidades como transformações. A digitalização e o surgimento de plataformas online aumentaram significativamente as oportunidades de visibilidade das mulheres, amplificando reivindicações e movimentos feministas, como o #MeToo em 2017. Contudo, segundo o Programa das Nações Unidas para a Igualdade de Género e o Empoderamento das Mulheres (UN Women, 2025), embora as mulheres constituam metade da população mundial, surgem apenas em cerca de um quarto das notícias, sendo visíveis ou ouvidas em apenas 26% das reportagens em televisão, rádio e imprensa escrita.

Para além da escassez de ocorrências, quando as mulheres são representadas nos média, persistem estereótipos. Estudos sobre média tradicionais e digitais revelam que a hipersexualização e a valorização estética das mulheres continuam tão prevalentes nas sociedades ocidentais contemporâneas (Carlsson et al., 2024; Tankovic et al., 2020; Ward, 2016) como o eram nas revistas espanholas do passado, como a *Interviú* (Gunther et al., 1999), que, sob a bandeira da libertação feminina, apresentava artistas conhecidas de forma sexualizada nas capas. Como consequência, comportamentos como a autoexposição e a obsessão estética continuam a ser retratados nas redes sociais como empoderamento e forma de liberdade de escolha (Gill, 2012). Isto relaciona-se com o conceito de “feminismo mercadoria” (Goldman et al., 1991), que descreve uma forma de representação feminista que apropria valores como o empoderamento e a independência, mas que serve, em última análise, à lógica do consumo e aos interesses do mercado.

Os algoritmos atuais e a idade precoce a que as raparigas acedem às redes sociais dificultam o desenvolvimento de uma consciência crítica suficiente para questionar se

tal autoexposição resulta de uma escolha pessoal livre ou se é condicionada pelos fatores discutidos neste estudo. Ao mesmo tempo, embora hashtags e contas promovam a consciência feminista, a ascensão de movimentos de extrema-direita nas redes sociais tem fomentado a difusão de desinformação sobre avanços legislativos em igualdade de género (Gehrke & Amit-Danhi, 2025). Estes movimentos também impulsionaram tendências como o #StayAtHomeGirlfriends no TikTok (Tirocchi & Taddeo, 2024), que retratam mulheres em papéis domésticos tradicionais e criticam aspectos como a participação feminina no mercado de trabalho. Estas tendências atuam como ambientes informais de aprendizagem de papéis de género, com criadores de conteúdo a exercerem funções educativas e a provocar debates radicais contra práticas feministas em sociedades modernas.

Além disso, investigações iniciais sobre género e inteligência artificial (IA) revelaram dados preocupantes. Plataformas de IA geradoras de imagens foram criticadas por perpetuar estereótipos de género prejudiciais, produzindo representações idealizadas de mulheres que refletem padrões tradicionais de beleza (Locke & Hodgdon, 2024). As mulheres também são frequentemente sub-representadas ou retratadas em contextos desvalorizantes nas notícias relacionadas com IA, reforçando estereótipos de género convencionais (Chen et al., 2024). Estas constatações preliminares justificam a realização de estudos de caso aprofundados para promover a literacia mediática e desenvolver iniciativas legislativas que regulem o uso da IA neste domínio. Por fim, dado que este estudo abrange o período 1977–1997, futuras investigações poderão considerar uma análise comparativa com média que mais recentemente incorporaram a causa feminista nos seus guias de estilo. Desta forma, será possível verificar se a demonstração deste compromisso melhora a proporção de mulheres nas capas dos jornais ou se continua a ser apenas mais uma aspiração frustrada.

Pós-Edição de Tradução Automática: Anabela Delgado

REFERÊNCIAS

- Amores, J. J., Arcila-Calderón, C., & González-de-Garay, B. (2020). The gendered representation of refugees using visual frames in the main Western European media. *Gender Issues*, 37, 291–314. <https://doi.org/10.1007/s12147-020-09248-1>
- Argiñano, J.-L., & Goikoetxea Bilbao, U. (2020). Analysis of headlines and front page photographs in Spain in the context of the coronavirus crisis: Protagonists, frames and war language. *Journal of Communication and Health*, 10(2), 1–23. [https://doi.org/10.35669/rcys.2020.10\(2\).1-23](https://doi.org/10.35669/rcys.2020.10(2).1-23)
- Aznar, M. P. M., Rodríguez-Wangüemert, C., & Morales, I. E. (2017). Representation of women and men in Spanish press. *Revista Latina de Comunicación Social*, (72), 765–782. <https://doi.org/10.4185/RLCS-2017-1191>
- Bachmann, I. (2022). News media coverage of women. *Communication*. <https://doi.org/10.1093/obo/9780199756841-0278>

- Bell, P. (2001). Content analysis of visual images. In T. van Leeuwen & C. Jewitt (Eds.), *Handbook of visual analysis* (pp. 10–34). SAGE.
- Carlsson, F., Kataria, M., & Lampi, E. (2024). Sexual objectification of women in media and the gender wage gap: Does exposure to objectifying pictures lower the reservation wage? *Journal of Behavioral and Experimental Economics*, 108, Artigo 102157. <https://doi.org/10.1016/j.soec.2023.102157>
- Castillo, N. G. (2014). The image of Spanish women in press photography during the Civil War. Content analysis applied to the main Portuguese newspapers. *Historia y Comunicación Social*, 19, 781–795. https://doi.org/10.5209/rev_HICS_2014.v19.45002
- Chen, Y., Zhai, Y., & Sun, S. (2024). The gendered lens of AI: Examining news imagery across digital spaces. *Journal of Computer-Mediated Communication*, 29(1), Artigo zmado47. <https://doi.org/10.1093/jcmc/zmado47>
- De-Miguel, R., Hanitzsch, T., Parrat, S., & Berganza, R. (2017). Women journalists in Spain: An analysis of the sociodemographic features of the gender gap. *El Profesional de la Información*, 26(3), 497–506. <https://doi.org/10.3145/epi.2017.may.16>
- Fagoaga de Bartolomé, C., & Secanella, P. M. (1984). *Threshold of women's presence in the Spanish press*. Instituto de la Mujer; Ministerio de Cultura.
- Fernández Fraile, M. E. (2008). History of women in Spain: History of a conquest. *La Aljaba*, 12, 11–20.
- Fernández García, N. (2015). Es una mujer, está embarazada... Es la ministra de Defensa. Un análisis comparativo de la representación mediática de la primera mujer ministra de Defensa de la historia española. *Communication Papers. Media Literacy and Gender Studies*, 4(7), 35–46. https://doi.org/10.33115/udg_bib/cp.v4i07.22047
- Fernández García, N. (2016). Framing gender and women politicians representation: Print media coverage of spanish women ministers. In C. Cerqueira, R. Cabecinhas, & I. Magalhães (Eds.), *Gender in focus: (New) trends in media* (pp. 141–160). CECS.
- Gaitán Moya, J. A. (1992). La opinión de *El País* en la transición española. *REIS: Revista Española de Investigaciones Sociológicas*, 57, 149–166. <https://doi.org/10.5477/cis/reis.57.149>
- Gallagher, M. (2015). Foreword. In S. Macharia (Ed.), *Who makes the news?* (pp. 1–2). World Association for Christian Communication.
- Gallego-Ayala, J. (2015). *De reinas a ciudadanas: Medios de comunicación ¿motor o remora para la igualdad?* UOC.
- García, C. (2022, 7 de marzo). *8M: La mujer en la universidad: 20 años de mayor participación (y de segregación)*. CYD Foundation. <https://www.fundacioncyd.org/mujer-en-la-universidad-evolucion-20-anos-participacion-segregacion/>
- García Orosa, B., & Gallur Santorum, S. (2019). La presencia de la mujer en las informaciones de los cibermedios europeos de España, Italia, Gran Bretaña, Portugal y Francia. *Revista Latina de Comunicación Social*, 74, 403–417. <https://doi.org/10.4185/RLCS-2019-1337>
- Gehrke, M., & Amit-Danhi, E. R. (2025, 26 de junho). Gendered disinformation as violence: A new analytical agenda. *Harvard Kennedy School: Misinformation Review*. <https://doi.org/10.37016/mr-2020-177>
- Gill, R. (2012). Media, empowerment and the ‘sexualization of culture’ debates. *Sex Roles*, 66, 736–745. <https://doi.org/10.1007/s11199-011-0107-1>

- Goldman, R., Heath, D., & Smith, S. L. (1991). Commodity feminism. *Critical Studies in Mass Communication*, 8(3), 333–351. <https://doi.org/10.1080/15295039109366801>
- Gómez y Patiño, M. (2011). Analysis of the treatment of women in the Spanish press. International Women's Day. *Estudios Sobre el Mensaje Periodístico*, 17(1), 119–140. https://doi.org/10.5209/rev_ESMP.2011.v17.n1.7
- Gómez-Escaloniella Moreno, G., García Jiménez, A., Santín Durán, M., Rodríguez Díaz, R., & Torregrosa Carmona, J. F. (2008). La imagen de la mujer política en los medios de comunicación. *Feminismo/s*, (11), 59–71. <https://doi.org/10.14198/fem.2008.11.04>
- Gunther, R., Montero, J. R., & Wert, J. I. (1999). The media and politics in Spain: From dictatorship to democracy. *Working papers: Institut de Ciències Polítiques i Socials*, (176), 1–46.
- Hernández Herrera, M. (2019). La representación de la mujer en la viñeta española: Construcción y participación femenina. *Estudios Sobre el Mensaje Periodístico*, 25(2), 869–882. <https://doi.org/10.5209/esmp.64812>
- Huber, E., Stephens, J. D., Bradley, D., Moller, S., & Nielsen, F. (2009). The politics of women's economic independence. *Social Politics: International Studies in Gender, State & Society*, 16(1), 1–39. <https://doi.org/10.1093/sp/jxp005>
- Ibáñez, S., & Mar, M. del. (2016). Women and men in the Spanish press: The journalistic interpretation of reality. *Feminismo/s*, (27), 147–164. <https://doi.org/10.14198/fem.2016.27.08>
- Jia, S., Lansdall-Welfare, T., Sudhahar, S., Carter, C., & Cristianini, N. (2016). Women are seen more than heard in online newspapers. *PLoS ONE*, 11(2), Artigo e0148434. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0148434>
- Kress, G., & van Leeuwen, T. (2006). *Reading images: The grammar of visual design*. Routledge.
- Krippendorff, K. (1990). *Metodología de análisis de contenido: Teoría y práctica* (L. Wolfson, Trad.). Paidós. (Trabalho original publicado em 1980)
- Larrondo Ureta, A. (2019). (In)visibility of feminism in the media: The depiction of the second-wave women's movement in Spain. *Feminist Media Studies*, 20(1), 70–85. <https://doi.org/10.1080/14680777.2019.1574856>
- Leyton, E. V., Simone, L. D., Gómez-Lorenzini, P., Labarca, C., & Guevara-Iturbe, A. (2024). Representation of women in authoritarian Chile. An approach from advertising. *Historia y Comunicación Social*, 29(1), 189–200. <https://doi.org/10.5209/hics.92116>
- Locke, L. G., & Hodgdon, G. (2024). Gender bias in visual generative artificial intelligence systems and the socialization of AI. *AI & Society*, 40, 2229–2236. <https://doi.org/10.1007/s00146-024-02129-1>
- López, T. M. O. (2020). Against feminism. Mobilisation, repression and sublimation of the traditional female model in the first half of the 20th century in Spain. *Revista de Humanidades*, 41, 157–180. <https://doi.org/10.5944/rdh.41.2020.24030>
- Matud, M. P., Rodríguez-Wangüemert, C. R., & Espinosa, I. (2012). Representation of women and men in Spanish national press news. *Cuestiones de Género: De la Igualdad y la Diferencia*, 7, Artigo 09. <https://doi.org/10.18002/cg.voi7.900>
- Montero, M., Rodríguez-Virgili, J., & García Ortega, C. (2008). The political role of the press in Spanish transition to democracy, 1975-1978. *Javnost - The Public*, 15(4), 5–20. <https://doi.org/10.1080/13183222.2008.11008979>

- Neuendorf, K. (2017). *The content analysis guidebook*. SAGE. <https://doi.org/10.4135/9781071802878>
- Orduña Prada, M. (2019). Prensa y radio del Movimiento en los albores de la transición: A propósito del decreto-ley sobre libertad de expresión. *Historia Actual Online*, 48, 103–113. <https://doi.org/10.36132/hao.v1i48.1762>
- Pérez Fernández, F. (2016). Evolution of thinking about women in Spain from the late nineteenth to the twenty-first century: Romanticism, the labour market, violence and equality. *Pensamiento Americano*, 9(16), 121–142.
- Prieto-Sánchez, C. (2018). ¿Quiénes hablan en las noticias? Desequilibrio de género en las fuentes informativas de la prensa de proximidad. *Zer*, 23(45), 161–184. <https://doi.org/10.1387/zer.20261>
- Ramos Palomo, M. D., & Ortega Muñoz, V. J. (2020). Gladiator women. Republican women's press and political mobilisation in the beginnings of media culture in Spain (1896–1922). *RIHC. Revista Internacional de Historia de la Comunicación*, 2(15), 16–41. <https://doi.org/10.12795/RiHC.2020.i15.02>
- Santoniccolo, F., Trombetta, T., Paradiso, M. N., & Rollè, L. (2023). Gender and media representations: A review of the literature on gender stereotypes, objectification and sexualization. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 20(10), Artigo 5770. <https://doi.org/10.3390/ijerph20105770>
- Schiller, H. I. (1976). *Communication and cultural domination*. International Arts and Sciences Press.
- Smythe, D. W. (1977). Communications: Blindspot of Western Marxism. *Canadian Journal of Political and Social Theory*, 1(3), 1–27.
- Soto, M., Luzón, V., Fernández Quijada, D., Ramajo, N., Blanch, M., Franquet Calvet, M. R., & Ribes Guardia, F. X. (2004). *Representación de género en los principales medios de comunicación online*. Instituto de las Mujeres. <https://www.inmujeres.gob.es/publicacioneselectronicas/documentacion/Documentos/DE0101.pdf>
- Suárez-Romero, M., & Ortega-Pérez, A. M. (2019). Gender and opinion. The secondary role of women in journalistic spaces. *iQual. Revista de Género e Igualdad*, 2, 133–146. <https://doi.org/10.6018/iQual.324321>
- Taha, B., & Fahmy, S. S. (2023). Where are all the women? A cross-cultural analysis of women in online news. *Newspaper Research Journal*. Publicação online avançada. <https://doi.org/10.1177/07395329231206373>
- Tankosic, M. M., Grbic, A. V., & Krivokapic, Z. (2020). The marginalization and exploitation of women in media industry. In M. Bošković (Ed.), *Globalization and its impact on violence against vulnerable groups* (pp. 75–94). IGI Global.
- Tirocchi, S., & Taddeo, G. (2024). Unveiling informal learning of gender roles on TikTok: The #Stayathomegirlfriends phenomenon. *International Communication Gazette*, 86(5), 399–419. <https://doi.org/10.1177/17480485241259836>
- Torralbo Ruiz, Á. (2011). *El rol de la mujer en el Código Civil: Especial referencia a los efectos personales del matrimonio* [Dissertação de mestrado, Universidade de Salamanca]. Gredos. <http://hdl.handle.net/10366/101364>
- UN Women. (2025, 4 de setembro). *Half the world, only a quarter of the news: Women appear or are heard in just 26 per cent of all broadcast, radio and print clips* [Press release]. <https://www.unwomen.org/en/news-stories/press-release/2025/09/half-the-world-only-a-quarter-of-the-news>
- Van der Pas, D. J., & Aaldering, L. (2020). Gender differences in political media coverage: A meta-analysis. *Journal of Communication*, 70(1), 114–143. <https://doi.org/10.1093/joc/jqz046>

Ward, L. M. (2016). Media and sexualization: State of empirical research, 1995–2015. *The Journal of Sex Research*, 53(4–5), 560–577. <https://doi.org/10.1080/00224499.2016.1142496>

Zafra-Arroyo, A. M., & Öksüz, O. (2025). Turkey's accession process to the EU in the Spanish press: Constructing otherness through language and news images. *Online Journal of Communication and Media Technologies*, 15(3), Artigo e202522. <https://doi.org/10.30935/ojcmmt/16593>

NOTA BIOGRÁFICA

Ana María Zafra Arroyo é investigadora na Universidade de Málaga, financiada pela Bolsa de Formação de Professores Universitários. É licenciada em Jornalismo, tendo recebido o prémio especial de fim de curso da sua turma. Proseguiu os seus estudos de pós-graduação na Universidade de Akdeniz (Antália, Turquia) através de uma bolsa estatal da República da Turquia. Para além do mestrado em Jornalismo pela Universidade de Akdeniz, obteve um mestrado em Sistema Europeu de Tutela Multinível dos Direitos Fundamentais pelo Instituto Universitário de Ensino à Distância. Iniciou a sua carreira de investigação com uma bolsa de iniciação à investigação na mesma instituição, centrando-se no tema da desinformação. Os seus atuais interesses de investigação incluem a liberdade de expressão e o direito à informação, a comunicação intercultural e de género no jornalismo e o direito europeu da comunicação social.

ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-6881-0351>

Email: amzafra@uma.es

Morada: Av. de Cervantes, 2, Distrito Centro, 29016 Málaga

Submetido: 31/03/2025 | Aceite: 22/10/2025



Este trabalho encontra-se publicado com a Licença Internacional Creative Commons Atribuição 4.0.